

ALGUNS ELEMENTOS PARA O ENTENDIMENTO DE DOCÊNCIA COMPARTILHADA E SUA REALIZAÇÃO NA PRÁTICA^(*)

a) O que significa compartilhar a docência?

Segundo o Dicionário Eletrônico Aurélio, compartilhar significa “ter ou tomar parte em; participar de; partilhar, usar em comum”. Docência, por sua vez, significaria “qualidade do docente, ensino do magistério”. Assim, o compartilhamento da docência se dará na partilha, de forma participativa como o outro. Seria um alargamento das fronteiras do ensino disciplinar, apontando o sentido da docência para uma compreensão interdisciplinar de sistematização dos conteúdos e dos currículos. Nesse sentido, Françoise Platone e Marianne Hardy (2004, p. 15-18), reforçam que “ninguém ensina sozinho”, pois há sempre 'um eu outro' a quem se recorre nesse exercício.

Contudo, o fato de não se ensinar sozinho não significa que o professor deva perder a sua iniciativa e individualidade, uma vez que em muitas situações (possivelmente a maioria das vividas na docência) ele terá que dar conta, sozinho, do ensino de seus alunos e, além disso, cuidar para que a aprendizagem se dê de forma significativa. É importante, porém, que mesmo sozinho, não se sinta solitário, nem se sirva de objetivos individuais, mas coletivos. Significa dizer que é possível se imbuir da docência compartilhada mesmo agindo sozinho, uma vez que se imbua dos projetos coletivos (por exemplo, a partir de eixos temáticos construídos a partir de diagnósticos da realidade dos sujeitos educandos) e suas intenções de integração.

Significa dizer que os instantes de solidão devem servir, ainda de acordo com Platone e Hardy (2004, p. 15-18) para fortalecer “o sentido de nossa profissão”, pois, “é por muitas vezes acontecer de estarmos sós, que é tão importante que **às vezes** estejamos juntos”. Compartilhando a docência podemos, inclusive, tirar esse às vezes que destacamos e fazer do exercício docente, na prática e na consciência, um fazer complexo. Isto é, apreender a realidade como complexidade e sempre buscar retotalizá-la de maneira compreensiva.

Segundo Samuel Fernández (1993, snp), compartilhar a docência “permite a utilização flexível e eficiente do tempo do professor e se beneficia dos diferentes estilos de ensino, da colaboração entre profissionais e da utilização de alternativas de ensino”. Salientamos que compartilhar docência, acrescentando à ideia de Fernández, aponta para alternativas de ensino *integrativas*.

O autor salienta que o ensino compartilhado promove benefícios ao rendimento dos alunos, se comparado a outras modalidades fragmentadas (disciplinares) de ensinar. Esses benefícios estariam relacionados, dentre outras coisas, às trocas de informações, conhecimentos e técnicas de ensino que os professores têm condições de empreender nesta metodologia, ampliando, desta maneira, os horizontes da aprendizagem, tornando-a significativa. Nesse sentido, o relato de um professor da rede municipal de Goiânia, participante da experiência Proeja-Fic/Pronatec realizada em 10 escolas, que tentado construir uma perspectiva de currículo integrado utilizando a estratégia da docência compartilhada, é revelador: “compartilhando a gente vai descobrindo vários limites, e aí, outras necessidades de compartilhar; continuar compartilhando. É igual coçar: você começa e não quer parar mais”.

Quem se dispõe a ensinar deve estar preparado para aprender, e quem deseja aprender estará, em determinado momento, trabalhando lado a lado, de alguma maneira, ensinando. Mas é preciso planejar e, de antemão, ter vontade de caminhar para as formas de apreensão da complexidade do real.

Compartilhar conhecimentos e dúvidas, saberes e inseguranças, vivências, alegrias e sofrimentos tendo um colega como parceiro: este parece ser um *modus operandi* da docência compartilhada. Uma atitude de desprendimento do próprio eu, sem jamais perder a própria individualidade, só pode ter influência positiva, agregadora e trazer importantes ganhos a todos os participantes do processo, sobretudo quando, na continuidade, a integração se torna o fim. Nessa perspectiva, compartilhar não deve ser eventual, mas sim parte da ação docente cotidiana.

(*) Este ‘texto’ é o resultado de um apanhado de ideias esparsas compiladas aleatoriamente da ‘net’ (especialmente do texto “Docência compartilhada: o desafio de compartilhar” de autoria de Denise Armani Nery Fernandes e Maria Beatriz Pauperio Titton) e que foram adaptadas, acrescentadas e reorganizadas por mim, Sebastião Cláudio Barbosa, que assumo a responsabilidade pelos possíveis equívocos e problemas de entendimento das fontes.

É muito mais cômodo refletir a respeito das imagens que temos (“eu”; domínio disciplinar; verdades de pormenor), dos nossos pontos de vista particulares, mas é imprescindível ouvir do coletivo (os outros “eus”), no sentido da construção interdisciplinar (verdades humanas de conjunto). Segundo Arroyo (2004, p. 50), há um avanço “para um olhar mais profissional sobre nós e sobre eles e elas”, de modo que seja possível “apagar as imagens do passado e assim abrir a possibilidade de reinventar o presente”. E a reinvenção do presente não prescinde da participação de cada um, que deve trazer a sua parcela de contribuição. Assim, haverá um considerável enriquecimento das aprendizagens, uma vez que todo indivíduo pode e deve não apenas cooperar, mas também estar aberto ao oferecimento de colaboração, uma vez que, como diria Marx, o indivíduo é, por isso mesmo, um indivíduo social. A docência compartilhada é uma ferramenta didática para a realização do currículo integrado, pois amplia as fronteiras disciplinares em função da visão integradora interdisciplinar.

b) Como realizar a docência compartilhada na prática?

1º) é preciso entender que compartilhar é doar saberes de um determinado domínio específico (eu/disciplina) no sentido da construção da percepção de totalidade (nós/interdisciplinaridade), de integração com um domínio 'exterior' (o outro/disciplina). É superar os pré-requisitos que construíram didaticamente os domínios disciplinares como exterioridade (um em relação ao outro; como soma), como fetiche, como impossibilidade de integração, como senso comum fenomênico.

2º) é preciso planejar previamente o quê e para quê compartilhar. Estabelecer um objeto de análise que possa ser entendido como complexidade, a partir de uma ampliação da visão sobre ele. Apreende-se, assim, sequências em espiral que vão do todo à parte e da parte ao todo, estabelecendo a percepção de concreticidade, de totalidade dialética (Kosik, 1978). Por exemplo:

Professor A: Matemática
Demanda: Ângulos (geometria)

Professor B: História
Demanda: capitâneas (Colonização)

Conteúdos compartilhados/integrados: A constituição do latifúndio no Brasil a partir das capitâneas de 1532, das sesmarias e da Lei de Terras de 1850; as formas de medição de terras: alqueires, hectares, ares, m², lotes, litros, lavras; polígonos: triângulos e quadriláteros.

Recursos: Quadro/giz, mapas históricos e geográficos, fotos aéreas, escrituras, jornais.

Avaliação: elaboração de texto sobre o tema integrador com desenhos ilustrativos de uma propriedade com os cálculos dos ângulos.

**PADRÃO FUNDIÁRIO NO BRASIL
ATRAVÉS DOS TEMPOS E SUAS MEDIDAS.**

**Disciplinas compartilhadas: Matemática,
História, Geografia, Informática, Português.**

Referências:

ARROYO, Miguel Gonzalez. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

FERNÁNDEZ, Samuel. La Educación Adaptativa como Respuesta a la Diversidad. In Signos. Teoría y práctica de la educación, 8/9 Enero/Junio de 1993. Páginas 128-139. ISSN: 1131-8600. Disponível em <http://www.quadernsdigitals.net>

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Petrópolis: Vozes, 1978.

PLATONE, Françoise; e HARDY, Marianne (org.). Ninguém ensina sozinho: responsabilidade coletiva na creche, no ensino fundamental e no ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2004.